

A TENACIDADE DO COTIDIANO NA OBRA DE CIDINHA DA SILVA: REVIRANDO O BAÚ NA SALA DE AULA

Marcela Grazielly Rocha ¹

RESUMO

A Literatura afro-brasileira vem conquistando cada vez mais espaço no ambiente acadêmico, mas muito pouco chega aos educandos do ensino fundamental. A partir da Lei 10639/03, que inclui a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, a escola precisa oferecer aos estudantes a sua reflexão como constituinte e formadora da sociedade brasileira, valorizando o papel do negro como sujeito formador da história do nosso país, visto que o que se tem ensinado nas escolas quanto a história da África se limita à história da escravidão e do povo escravizado. A Literatura Negra trabalhada em sala de aula ainda não rompeu os padrões estéticos clássicos ou da tradição brasileira. Apresento então uma proposta de trabalho com uma autora afrodescendente: Cidinha da Silva, escritora mineira, que aparece dentro do panorama literário atual, trabalhando com a Literatura Negra, uma literatura marginal ao cânone, que trata de temas relacionados ao conceito de Negritude, o preconceito racial, a cultura afro-brasileira, religião de matriz africana, comportamento, música, de forma natural, leve e que atinge o público infanto-juvenil, com suas histórias, contos, crônicas em que podemos nos reconhecer dentro do enredo, nos personagens e até mesmo nas ações do dia a dia. Este trabalho propõe uma sequência didática voltada para a leitura e escrita do gênero textual crônica, mais especificamente da obra *Baú de miudezas, sol e chuva* (2014), que tem como objetivo interferir no processo ensino-aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental II da rede pública de educação a partir da valorização cultural e conscientização de sua identidade e seu papel no mundo. A pesquisa apresenta um enfoque didático-pedagógico, fundamentada nos PCN's, na Lei 10.639/03, em Candido (2010, 1998, 1995), Cosson (2009), Freire (1987) e Munanga (2009, 2000).

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira, Identidade, Cultura, Letramento.

INTRODUÇÃO

No Ensino Fundamental II, o currículo é organizado a partir do estudo dos gêneros e, apesar da Literatura não estar presente diretamente na base curricular, é a partir dela que conseguimos sentir empatia e tratar dos assuntos mais básicos aos mais delicados, a trabalhar respeito, tolerância, amizade, juventude, dor etc.

¹ Mestra pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Professora da Rede Básica de Ensino do Estado do Rio Grande do Norte e do Município de Parnamirim/RN, marcela.rocha@gmail.com;

É preciso assumir uma prática de ações afirmativas para diminuir (quem dera acabar) o preconceito racial existente na educação, fazer nossos alunos se sentirem parte do processo de ensino-aprendizagem, sendo sujeitos ativos nesse procedimento.

A Literatura, como arte e assumindo sua função social, tem o poder de transformar esses jovens. A leitura, o gosto e o prazer de ler podem fazer com que ele se reconheça no mundo, assumindo sua identidade racial. Lendo romances, contos e diversos gêneros, nos identificamos com as histórias, com as personagens, com os conflitos vivenciados. Onde o povo negro aparece nos livros, nos textos lidos em sala de aula?

Na escola trabalhamos com um tipo de Literatura que não contempla o negro. Não podemos aceitar que o negro seja retratado como escravo, empregada, traficante, prostituta, vagabundo. Nem podemos fingir que isso não acontece.

É preciso que motivar nossos alunos, despertar neles o gosto pela leitura. Como fazer isso se eles não se identificam com o que leem? É preciso ir além dos clássicos que fazem a mulata requebrar, o negro cortar cana, ser tratado como bicho e a Sinhá Branca ser feliz para sempre. No Brasil, o negro só é “contemplado” nos livros de História, mas especificamente quando se trabalha o Brasil Colônia. Na escola ainda se trabalha o dia 20 de Novembro, dia da Consciência Negra, num tom “folclorizado”, distanciando os sujeitos da escola (os alunos) do objeto “homenageado”, o negro.

Na Literatura brasileira, a presença do negro não ultrapassa a percepção marginalizadora, tratamento que foi dado desde as instâncias fundadoras, o que para Proença Filho (2004) marca sua etnia no processo de construção de sua identidade. O teórico afirma que a trajetória do negro na nossa literatura se apresenta a partir de dois posicionamentos, a condição negra como objeto e como sujeito, esta num comportamento compromissado e essa numa visão deslocada. Dessa forma, uma literatura sobre o negro e a literatura do negro.

Em consonância com esse pensamento, sabe-se que no Brasil, além do negro aparecer como personagem nas obras, existe um movimento negro, uma Literatura Negra, escritores que trazem a realidade em seus textos, concretos, reais e ficcionais. Uma literatura para libertação. Antes relegado, o protagonismo dos povos africanos é revisto nas narrativas da história do Brasil e, sobretudo, na Literatura.

Esta pesquisa qualitativa com enfoque na pesquisa-ação propôs trabalhar o ensino da Literatura no Ensino Fundamental com um olhar atento, sensível e dirigido aos alunos do 8º

ano de uma escola pública do município de Parnamirim, Rio grande do Norte. Essa pesquisa apresenta uma sequência didática para disciplina de Língua Portuguesa que tem como objetivo abordar o texto literário afro-brasileiro para intervir no processo de ensino-aprendizagem dos alunos a fim de conscientizá-los de sua identidade e seu papel no mundo. Para isso, faz-se necessário contemplar as diretrizes trazidas pela Lei 10.639/03 – que versa sobre o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana – apoiado na leitura de textos literários que estão relacionados com a realidade e com o cotidiano dos nossos alunos para que, a partir disso, eles possam descobrir suas capacidades acima de qualquer diferença, compreendendo a si e seu espaço cultural.

Existem muitos escritores brasileiros contemporâneos que trabalham o racismo, a questão racial e de identidade, mas que ainda não foram estudados nas escolas ou mesmo expostos aos alunos. Apresentamos a escritora mineira Cidinha da Silva (1967 -), que surge dentro do panorama literário atual, produzindo uma literatura marginal, abordando temas relacionados à Negritude, à cultura afro-brasileira, religião de matriz africana, comportamento jovem, música e tematizando o preconceito racial, atingindo o público infanto-juvenil (ou porque não dizer jovem adulto), com suas histórias, contos, crônicas, através dos quais podemos nos reconhecer dentro do enredo, nas personagens e até mesmo nas ações do dia a dia. Cidinha da Silva produz Literatura Negra.

Dessa forma, foi trabalhado um conjunto de crônicas escritas por Cidinha da Silva, que estão presentes no livro *Baú de miudezas, sol e chuva*, da Mazza edições, publicado em 2014.

Esperava-se, a partir desse conjunto de textos do livro “Baú de miudezas, Sol e Chuva” tão atuais e próximos da realidade dos nossos jovens, fazer com que o aluno se interesse pela literatura, se reconhecendo nela e assumindo seus traços negros. A Literatura precisa despertar nele a negritude para que assim assuma o gosto pela própria leitura, pois, passará então, a se ver dentro das obras.

Foi possível reconhecer dentro dessa pesquisa que a escola é o lugar mais adequado para propalação e o debate de ideias que afirmem e reafirmem a temática que envolve identidade, reconhecimento cultural e respeito. Assentado em discussões que relacionam o texto literário ao cotidiano do adolescente, o aluno se sentiu além de representado, com propriedade para construir e se expressar de forma crítica, proporcionando um aprendizado e uma participação significativa.

Para este trabalho de pesquisa com intervenção, apresenta-se um enfoque didático-pedagógico, fundamentada nos PCN's, na Lei 10.639/03; em Munanga (2009, 2000) embasando as questões relacionadas à teoria da Literatura Afrodescendente e atribuindo os conceitos de identidade e negritude; em Candido (2010, 1998, 1995) com os conceitos relativos à literatura e sua função social; Cosson (2009) orientando o método da sequência didática; e, ainda, as relações de ensino/aprendizagem voltadas para a educação humanizadora com Freire (1987);

Sendo assim, com base nesses pressupostos, o compromisso envolvido nessa pesquisa foi direcionado para que o aluno passasse a pensar criticamente sobre seu lugar no mundo, se reconhecer como agente sujeito do processo de ensino/aprendizagem e das relações sociais que protagoniza. Os estudantes precisam afirmar sua identidade e valorizar sua cultura, assumindo as diferenças e desenvolvendo suas capacidades de comunicação e interação, respeitando o outro e se respeitando, principalmente.

Percorremos desde a discussão da necessidade de uma política afirmativa para valorização, resgate e inserção da cultura afro-brasileira e africana, a Lei 10639/03, à história da luta, organização, identidade e resistência do povo negro no Brasil, fazendo uma consideração sobre a posição da Literatura afro-brasileira, sua tradição oral e a afirmação da negritude.

Em sala de aula, começamos a revirar esse baú, destrinchando suas miudezas: o tecido, o texto literário e as questões étnico-raciais, um aporte teórico, fundamentado principalmente com Maria Nazareth Soares Fonseca e Mirim Alves; a peneira, ou seja, a escolha da obra de Cidinha da Silva e de sua afirmação de identidade através de uma literatura legitimamente afro-brasileira; e do perfume, o texto *Baú de miudezas, sol e chuva*, uma análise das crônicas de Cidinha da Silva e da construção do cotidiano pelo enxergar negro.

Em seguida, revela-se a forma da pesquisa qualitativa, a sequência didática formulada a partir de Cosson (2009), subdivididas em motivação, apresentação, interpretação e produção. Finalizando com a análise de textos produzidos por alunos após experiências de enfrentamento das diferenças, sessões de vídeos, músicas, leitura e reflexões a respeito da discriminação racial e tolerância à diversidade.

Conclui-se que os objetivos esperados foram alcançados, os alunos, após terem contato com o texto de Cidinha da Silva, sentiram-se representados na Literatura, reconheceram suas vivências e acreditaram que também poderiam escrever sobre as suas relações identitárias e

culturais. Os textos traduzem suas experiências, a representatividade da negritude e a resistência do povo negro.

METODOLOGIA

A pesquisa-ação formulada por Michell Thiollent é um trabalho de pesquisa associado a formas diferentes de intervenções para solucionar ou transformar um determinado problema. Ou seja, a pesquisa-ação vai além de identificar o problema e coletar dados, nela há a participação direta dos envolvidos, o pesquisador se torna também participante e propõe uma ação de caráter social/educacional/técnica, previamente planejada para a transformação de uma dada realidade para ampliar o nível de consciência da comunidade e produzir conhecimento. É a partir desse método desenvolvido por Thiollent, que buscamos provocar a consciência de identidade racial dos alunos, coletando dados sobre sua visão individual e de grupo a cerca dos preconceitos vividos e de sua posição no mundo.

Partindo dos pressupostos indicados por Cosson (2009), que diz que “a literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno”, assumimos o compromisso de trabalhar a sequência didática proposta a partir dessa construção de uma comunidade de leitores, que posteriormente se torna, a partir da interação do texto e do mundo, produtor e apreciador de textos literários. Posto que, “é essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural, dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo” (p.47).

A sequência didática (anexo) foi aplicada numa turma de 8º ano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Parnamirim, no Rio Grande do Norte. A turma foi composta por 38 alunos, entre 13 e 16 anos, em sua maioria proveniente de bairros periféricos. Neste capítulo abordaremos cada etapa do processo da SD, desde sua aplicação à interpretação das reações dos adolescentes.

A aplicação se deu em quatro momentos, que muitas vezes se confundem e se completam, pois visam ao trabalho e à produção do texto literário, que sensibilizem os adolescentes para as questões etnicorraciais na escola, no bairro, na comunidade e na mídia, que interferem diretamente na sua autoestima e nas suas relações com o mundo. Essa sequência básica de Cosson se divide em “motivação, introdução, leitura e interpretação”.

Em 2003, o então Presidente da República do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei n. 10.639/03², tornando obrigatório o ensino da História e Cultura afrobrasileira por todas as escolas brasileiras, incluindo-se aí o que diz o parágrafo segundo do artigo 26-A, que se refere ao espaço que deve ser dado nas escolas ao tema em questão: “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”. A referida lei foi revogada durante a reforma do ensino em 2018, pelo então Presidente Michel Temer.

A Lei de Diretrizes de Bases da educação Nacional 9.394/96 ampliou a concepção de educação, incluindo novos agentes e espaços educativos.

Precisamos pensar que a educação é um direito social, outrossim faz parte de um processo de desenvolvimento humano. A sala de aula e a escola, em todos os seus níveis, são os alicerces para as transformações sociais. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a educação escolar está relacionada ao espaço institucional e também sociocultural responsável pelo contato e pela apropriação do conhecimento e da cultura. Partindo desse princípio, é preciso que a escola tome conhecimento dessas leis e que o professor possa se embasar nelas, que tenha acesso a materiais e a formação que possibilite a ele trabalhar e cumprir o detalhamento de uma política educacional que reconheça a diversidade étnico-racial para que esses objetivos sejam atingidos.

Recomenda-se que para que se estabeleça o conceito de escola como espaço de interação sociocultural e conceituar o processo de educação escolar no contexto da coletividade e incluindo as pessoas de etnia negra, é imprescindível que se discuta a educação não só como espaço para diversidade, mas como também afirmação (e por que não dizer autoafirmação?) da população negra. Kabengele Munanga defende que esse resgate da cultura, história e memória do povo negro é substancial para a formação do povo brasileiro:

² A referida Lei “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências”

O resgate da memória coletiva e da história e da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais, nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p. 16)

A Lei n. 9.394 de 1992, propõe uma linha pedagógica na qual o aluno está centralizado no sistema educativo, sendo sujeito do processo ensino-aprendizagem, devendo estar em constante transformação, o professor deve romper com o papel que tem sido tradicionalmente assumido, não é mais um simples reprodutor do conhecimento, é preciso que haja uma parceria com seus alunos e com a comunidade escolar. Partindo desse conhecimento, verifica-se que esse modelo de educação, promulgada por Paulo Freire, estabelece a formação do pensamento crítico do educando, no qual é a partir da problematização que se constrói um conhecimento escolar e social efetivo.

A Literatura afro-brasileira se apresenta coadunada a sua tradição oral, sendo um importante elemento de composição e estruturação de uma identidade. Na África, as narrativas orais são responsáveis por transmitir os ensinamentos éticos, os preceitos religiosos, as normas, as características e a cultura de uma comunidade a seus ascendentes. De acordo com a pesquisadora Zuleide Duarte, as narrativas orais sustentam os valores e as crenças que são passadas pela tradição e impedem inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura.

Por conseguinte, a oralidade aparece como uma marca da manifestação cultural, que agrega, a partir de enredos de um passado em comum ou de um presente similar, histórias que marcam um grupo.

É importante ressaltar que a Globalização não se refere apenas a um fenômeno da esfera econômica, mas também a um processo de planetarização³ da cultura. Sendo assim, a supracitada escritora, afirma que o mundo globalizado é um estado de transição e nele se conflitam e rompem hábitos e crenças, por isso há a necessidade urgente da afirmação e confirmação da identidade de um povo. A narrativa oral é uma afirmação da identidade, pode-se perceber que a visibilidade das ditas minorias também é buscada através dela.

³ Termo utilizado pela autora Zuleide Duarte.

Muitos autores contemporâneos têm se preocupado com essas práticas culturais, incluindo a promoção da cultura afrobrasileira para preservar os aspectos da tradição oral, como também fomentar a visibilidade e a representatividade de um povo.

Cidinha da Silva é uma escritora que se orienta para essa prática. Prosadora, *blogueira*, ensaísta, cronista, articuladora, Cidinha afirma que escreve o que sente vontade, sem abrir mão de assentar (e acertar) sobre a causa negra, sendo militante do movimento e ministra de uma literatura engajada e sensivelmente artística.

DESENVOLVIMENTO

A Literatura hoje denominada “afrodescendente” tem ganhado enfoque no panorama nacional, principalmente no meio acadêmico, fruto de discussões, manifestações e movimentos de produtores, estudiosos e escritores negros. Mas, apesar dessa visibilidade dentro dos movimentos literários _ tendo inclusive linhas de estudos e eventos acadêmicos exclusivos destinados para área _ não se consegue ultrapassar as barreiras impostas pela canonicidade cultural literária e chegar às salas de aulas.

Fonseca (2006) diz que o poder de escolha do que é efetivamente estudado na escola ainda está na mão dos críticos, que pertencem a grupos sociais privilegiados, eles que decidem que autores devem ser lidos e que textos devem fazer parte dos currículos escolares. Dessa forma, os alunos não encontram representatividade dentro da Literatura, perdendo muitas vezes o gosto pela leitura ou ocasionando, em casos mais graves, o abandono escolar.

Cabe ao professor ir além do programa estabelecido pelos programas escolares, cabe ao professor introduzir seu aluno no mundo da leitura, selecionando, planejando, buscando textos que o façam ter prazer, se reconhecer e se tornar crítico, do próprio texto e do mundo que vive.

Cidinha da Silva, mineira, nascida em 1969, se entregou ao processo efetivo da escrita apenas em 2006. De posse de um aguçado senso crítico e posicionada politicamente, escreve sempre conduzindo em seus trabalhos sentimentos de indignação, repulsa e revolta ao racismo, que se estabelece muitas vezes nas relações diárias fantasiadas de cordialidade e de uso habitual.

Formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, entrou no mundo da escrita publicando artigos acadêmicos a respeito das relações sociais, de gênero e diálogos com a Educação e a Juventude. A cronista sempre teve uma relação muito próxima com a

escrita, apesar de só publicar a partir de 2006, desde criança sentia o desejo de se tornar escritora, época em que já praticava a escrita criativa.

Escritora por convicção e ativista de combate ao racismo e ao sexíssimo, é fundadora de uma ONG chamada Geledés – Instituto da Mulher Negra, que fica em São Paulo.

Essa protagonista da literatura afro brasileira acredita que na nossa sociedade ainda existem posições antagônicas e conflitos de interesses, que existem pessoas que defendem as ações afirmativas como estratégia de enfrentamento ao racismo e promoção da desigualdade social, mas que outras ainda se recusam a entender a operacionalidade do racismo, que se apegam ainda à discriminação e às desigualdades sociais em detrimento da discriminação racial e suas desigualdades correlatas. Cidinha ainda expõe que existem pessoas de má fé, que não querem abrir mão dos privilégios estabelecidos e fixados pela branquitude no Brasil. E é a partir dessas opiniões, firmes, intensas, que escreve. Para ela a escrita é corajosa, pois o autor se desnuda na criação e se desvela para criar.

Essa bravura de Cidinha a despiu em suas crônicas, é através de sua escrita que ela luta _ e ensina a lutar _ para deixar claro o seu lugar e do nosso povo na sociedade: “é tudo nosso, nada deles!”

Os temas presentes nas obras dessa escritora e prosadora dizem respeito às dificuldades enfrentadas pelos negros, ao tratamento dispensado à população afrobrasileira, à resistência e ao combate às forças opressoras que até os dias de hoje tentam manter as vantagens da branquitude, o seu domínio e vantagens.

Cidinha da Silva publicou nove livros: *Cada Tridente em seu lugar*, seu primeiro livro, fala sobre as ações (políticas afirmativas) que visam garantir o acesso e a permanência do negro nas universidades; *Os Nove Pentes D’África (Mazza Edições, 2009)*, *Kuami (Nandyala, 2011)*, o *Mar de Manu (Kuanza Produções, 2011)*, são os livros de literatura infantil, versam sobre os valores como amor, amizade e fé, retomando conceitos da africanidade brasileira, relacionando os costumes e os traços do nosso povo; *Você Me Deixe, Viu? Eu Vou Bater Meu Tambor (Mazza Edições, 2008)*, são 26 crônicas e mini-contos que tratam desde afetividades e sexualidade às relações perturbadoras entre homens e mulheres; *Oh Margem! Reinventa os rio (Selo Povo, 2011)*, descreve em crônicas práticas racistas presentes no dia-a-dia; *Racismo no Brasil e afetos correlatos (Editora Conversê, 2013)*, Cidinha trata de casos de racismo que foram destaques no Brasil; *Baú de Miudezas, sol e chuva (Mazza edições, 2014)*, 41 crônicas que vamos tratar nesta pesquisa; e, o mais recente, *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura,*

literatura e bibliotecas no Brasil (Fundação Cultural Palmares, 2014), apresentando um diagnóstico da realidade sociocultural do setor do livro, leitura, literatura e bibliotecas.

O olhar da crônica de Cidinha da Silva no livro *Baú de Miudezas, Sol e Chuva* aborda a questão dos afrodescendentes por um viés político, contestatório. Ela está atenta aos fatores históricos, às relações religiosas e, sobretudo, às questões sociais, em que expressa seu compromisso com a conscientização da população de brasileiros negros e marginalizados.

O texto da cronista faz uso de detalhes, narra à vida, o cotidiano de diferentes personagens que representam cada um e todos nós.

Cidinha da Silva traz para seus textos denúncias de preconceito, violência, racismo, questões relativas à periferia e vai além, trata de música, de religiosidade, da mudança dos tempos, fala de poetas, da força do povo negro, de sensibilidade, de romance e do amor e de muitas outras coisas.

Embora milite ativamente, a literatura da escritora mineira lança mão de outros temas, de outros objetos para delatar as questões de ordem racial e denunciar o preconceito, transpassando a ironia, com toques de ternura, falando de amor, de crença, levantando o véu do racismo mais sutil da sociedade brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível perceber que é preciso tecer algumas reflexões a cerca da introdução do ensino de Cultura Afro-brasileira nas séries do ensino fundamental. Ainda falta muito para que esta prática chegue às escolas e se torne uma realidade. Apesar de existirem leis tornando obrigatório e regulamentando o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, até este momento pouco se tem feito para que se aplique e alcance os educandos.

Ao concluir essa prática educativa que serviu de suporte para o desenvolvimento desse produto, pode-se perceber que os alunos chegaram ao final dessa etapa com um olhar mais sensível e atento às questões de identidade, como também para as práticas de leitura e produção textual.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos professores da rede pública de ensino é formar leitores competentes, isto é, leitores que desempenhem com êxito atividades de interpretação e produção textual. Para tal, é necessário que o estudante desenvolva o hábito da leitura e o faça por prazer. Desse modo, a aplicação de uma sequência didática elaborada para a prática de leitura e direcionada para uma temática que envolva o jovem, ou seja, uma prática

significativa para ele, respondeu aos meus anseios como professora dessa turma, atingindo minhas perspectivas e dando um novo rumo a minha prática profissional, que pode, ainda, amparar muitos outros professores que buscam solução para problemas que envolvem o processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

A então obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e indígena, a partir da Lei 10.630/03, deu suporte para o desenvolvimento de um conjunto de intervenções para sala de aula que foram planejadas para estimular a leitura e promover reflexões sobre a identidade negra e suas relações.

Assim, vivenciando cada etapa desse processo, foi possível perceber que se atingia uma aprendizagem significativa, despertava o gosto dos jovens para leitura e o reconhecimento de sua cultura, sua identidade, a troca de experiências, a empatia e a compreensão pela dor do outro. Foi possível ainda perceber suas reflexões sobre seus comportamentos e as atitudes com o próximo.

Nesse sentido, o uso de diversos textos, crônicas de vários autores e textos de Cidinha da Silva, permitiu que os estudantes fizessem diversas leituras e se posicionassem de maneira heterogênea aos assuntos abordados, o que tornou as aulas muito mais pertinentes e significativas. Assim, as atividades realizadas, bem como os debates e a produção textual, possibilitaram aos jovens alcançar, além de novas competências comunicativas, a afirmação ou reafirmação de sua identidade, do seu protagonismo, tanto para questões relacionadas à sua aprendizagem, como para suas vivências sociais e culturais. Esse jovem passa a perceber que, através da leitura, ele é capaz de modificar o mundo que vive e a realidade que o cerca.

A eficácia da aplicação da sequência didática pode ser confirmada através da análise dos questionários aplicados, nas discussões sobre os textos da autora estudada, bem como nas telas pintadas e dos textos produzidos pelos partícipes do projeto.

O ensino/aprendizagem no âmbito escolar envolve muitos elementos, desde professores capacitados a uma estrutura de apoio pedagógica e física. A necessidade de se quebrar padrões estabelecidos e arcaicos é também um fator que fez diferença na aplicação da experiência. Assim, a ruptura dos parâmetros e o estabelecimento de uma forma inovadora de trabalhar o texto foram favoráveis para o sucesso da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos textos de Cidinha da Silva aproximou os alunos do texto literário, uma literatura engajada, que apresenta uma transposição ao cânone. Foram trabalhadas crônicas de vários escritores, mas foi o da escritora do *Baú de Miudezas* que permitiu que os adolescentes se enxergassem no texto, se identificassem com as personagens, se reconhecessem nos lugares, nas periferias narradas e descritas por Cidinha.

A sequência didática e o conjunto de atividades ofereceram textos literários que despertaram o interesse dos alunos do 8º ano, que refletiram sobre identidade, relações raciais, preconceito e discriminação. A partir das leituras puderam redefinir seus conceitos, suas práticas e relações sociais, refletir sobre suas vivências e escrever crônicas.

A partir da leitura do livro *Baú de miudezas, sol e chuva*, os alunos perceberam que o livro falava sobre a vida, o dia a dia, o cotidiano, de um grupo de personagens, elementos ou lugares que são socialmente marginalizados. Mais que isso, concluiu-se que, nas narrativas do livro, não são apenas contadas histórias sobre a periferia, mas que é dado voz a esses que são, em outros exemplares literários, excluídos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. *Brasil Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. (1998a) Parâmetros Curriculares Nacionais, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/. Secretaria de Educação Fundamental - Brasília - MEC/SEF.

_____. (1998b). Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 3º e 4º Ciclos do Ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental - Brasília - MEC/SEF.

_____. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: MEC/SPPIR, 2013.

_____. Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2008.

_____. *O discurso e a cidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COSSON, RILDO. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth. *Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?* In: *Literatura Afro-Brasileira*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação: representando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KREUTZ, L. *Identidade Étnica e Processo escolar*. In: *Cadernos de pesquisa*. Fundação Carlos Chagas. Ed. Autores Associados, n.107, junho, 1999.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

MERQUIOR, João Guilherme. *Responsabilidade social do artista*. In: _____. *A razão do poema*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MUNANGA, Kabengele. *Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definidos procedimentos pedagógicos*. Revista do professor. Porto Alegre: ano XIX, n.73.

PROENÇA, Domício. *A trajetória do Negro na literatura brasileira*. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro negro*, nº 25, 1997.

_____. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

SANTOS, J. F.; OLIVEIRA, L. E. (org.). *Literatura & ensino*. Maceió: EDUFAL, 2008.

SILVA, Cidinha da. *Baú de Miudezas, Sol e Chuva*. Belo Horizonte; Mazza edições, 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Aprendizagem e ensino de Africanidades Brasileiras*. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação* __18 ed.__ São Paulo: Cortez, 2011.